

As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais

Qualitative research methodologies in Social Sciences

Eugénio Alves da Silva



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/740>

DOI: 10.4000/ras.740

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2013

Paginação: 77-99

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Eugénio Alves da Silva, « As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 01 março 2015, consultado no dia 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/740> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.740>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

© SASO

As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais

Qualitative research methodologies in Social Sciences

Eugénio Alves da Silva

NOTA DO EDITOR

Recebido a: 25/Janeiro/2013

Enviado para avaliação: 19/Março/2013

Recepção da apreciação: 15 e 24/Abril/2013

Recepção de elementos adicionais: 20/Maio/2013

Aceite para publicação: 22/Maio/2013

Introdução

- 1 As Ciências Sociais vêm consolidando um paradigma de investigação para tornar congruente o processo de construção da realidade social [Berger & Luckman 1976: 37-46] com as exigências de objectividade, validade e fiabilidade num contexto em que se reconhecem as limitações do positivismo, enquanto paradigma de referência na investigação em geral. O paradigma construtivista surge como alternativa para resolver questões a que o positivismo não dá resposta sem deixar de colocar novos problemas de índole epistemológica e metodológica.
- 2 Ao produzir uma ruptura com o positivismo, as Ciências Sociais assumem uma nova postura epistemológica e metodológica por se reconhecer *a priori* a complexidade, a mutabilidade e a irredutibilidade da vida social, ao mesmo tempo que se realça a necessidade de uma intervenção maior do sujeito no processo de conhecimento do real e o papel da subjectividade na interpretação do social.

- 3 A compreensão explicativa do real, objectivo das Ciências Sociais, pode ser alcançada considerando a relação entre o mundo real e o sujeito que dele se apropria, o vínculo entre o mundo objectivo e a subjectividade do sujeito e o modo como os actores sociais interpretam os fenómenos da vida social, pois a realidade revela-se mediante os significados atribuídos pelos sujeitos em interacção, não podendo ser tida como um sistema de factos neutros nem como um dado pré-existente.
- 4 Com este texto pretende-se abordar as características das “metodologias qualitativas de investigação” promovendo, por um lado, um distanciamento face às “metodologias positivistas” e, por outro, colocando-as numa linha de continuidade em cujos extremos se encontram cada um dos paradigmas de investigação, e na qual, na prática investigativa, o investigador se vai situando.
- 5 A abordagem das metodologias qualitativas de investigação parte do fundamento de que a investigação nas Ciências Sociais tem uma forte componente socio-antropológica, pois assim o exigem as intenções de descrição [Chizzotti 1991: 84; Fox 1987: 481], interpretação e compreensão do social no sentido de destacar as especificidades dos contextos pesquisados. O conhecimento das características e dos fundamentos epistemológicos destas metodologias ajuda a estabelecer e a relativizar o impacto que produzem na investigação social e a configurar o processo de investigação segundo a seguinte questão: em que medida estas metodologias contribuem para superar a visão positivista da realidade sem deixar que o subjectivismo domine o campo da análise sociológica do real, ou seja, em que medida são capazes de dar resposta às exigências de compreensão da realidade social tendo como fundamento a abordagem interpretativa e crítica?

1. As metodologias qualitativas de investigação

1.1. Conceito e objectivos

- 6 “Metodologias qualitativas de investigação” é uma designação genérica de um conjunto de estratégias e métodos de investigação que apresentam características similares entre si, baseadas em enfoques naturalistas, etnográficos e etogenéticos. Esta designação representa um modo interactivo de recolha e análise dos dados e o recurso a variadas fontes através de uma combinação de métodos que procuram captar a dimensão subjectiva dos fenómenos sociais.
- 7 O traço marcante destas metodologias reside no facto de que as questões a investigar não são definidas a partir da operacionalização de variáveis ou de hipóteses previamente formuladas mas segundo objectivos de exploração, descrição e compreensão dos fenómenos em toda a sua complexidade, privilegiando um contacto estreito e prolongado com os sujeitos no seu meio natural.
- 8 As metodologias qualitativas de investigação inspiram-se, entre outros, nos pressupostos do paradigma construtivista [Guba & Lincoln 1994: 105-117] que, no plano ontológico, assume que a realidade não existe fora da consciência do sujeito, tratando-se ela mesma de uma construção social impregnada de significado. No plano epistemológico, estas metodologias consideram que o conhecimento é construído intersubjectivamente através de uma interacção estreita entre o sujeito cognoscente e o objecto. No plano metodológico, a interpretação da realidade passa pela consideração e captação dos significados atribuídos pelos actores sociais aos diferentes aspectos da sua interacção.

- 9 Estas metodologias rompem com o positivismo [Santos 1995: 57; Lessard-Hébert *et al.* 1990: 36-39; Cohen & Manion 1990: 33-40; Giddens 1996: 151-154; Habermas 1997: 131-132 e 137; Silverman 1994: 20-21; Justo Arnal & Latorre 1992: 39-40] nas Ciências Sociais, enfatizando:
- a. A compreensão interpretativa da acção social a partir do relato pormenorizado da vida quotidiana [Coulon 1995a: 28] e na base de uma interacção prolongada com os sujeitos no seu meio natural. Os “factos sociais”, enquanto eventos contextualizados, são descritos e interpretados a partir dos significados construídos pelos actores sociais;
 - b. A valorização da componente subjectiva [Bogdan & Biklen 1994: 54; Goetz & LeCompte 1988: 114; Coulon 1995b: 53-54; Lindlof 1995: 33] do comportamento social [intersubjectividade] revelada pela experiência pessoal dos actores em contexto. Estes agem em função do modo como apreendem e explicam a realidade, ou seja, da sua “visão do mundo”;
 - c. A procura do significado da acção construído pelos actores para compreender o modo como o sistema social funciona, pois o social é uma dimensão pejada de significados. Assim, o objecto das Ciências Sociais é a “acção-significado” [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 41; Bisquerra 1989: 269; Santos 1995: 63-65] cujo estudo se faz segundo um enfoque etogenético [Cohen & Manion 1990: 300; Bisquerra 1989: 267-268], isto é, baseado na captação do significado;
 - d. A explicação da interacção social e dos factos sociais sob consideração dos contextos culturais da sua produção uma vez que o processo de conhecimento é um processo de interpretação do real dentro de um sistema culturalmente determinado de atribuição de significados aos factos da vida social [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 40; Brown & Dowling 1998: 43].
- 10 O objectivo destas metodologias consiste em descrever e compreender o comportamento humano na sua complexidade, explicando o processo mediante o qual os actores sociais constroem os significados atribuídos ao social e, a partir daí, elaborar conceitos heurísticos que traduzam essa realidade [Bogdan & Biklen 1994: 69-70]. Elas procuram gerar uma compreensão interpretativa do real no sentido de revelar uma realidade múltipla e dinâmica, devendo ser entendidas como uma modalidade de investigação cujo interesse reside na interpretação dos processos sociais com recurso à análise reflexiva e crítica das narrativas do real.

1.2. Características

- 11 A utilização das metodologias qualitativas de investigação na forma de estudos de caso [Adelman *et al.* 1984: 93-102; Bassey 2000; Nisbet & Watt 1984: 72-92; Stake 2007; Yin 2001], etnográficos ou biográficos tem ganho terreno na pesquisa em Ciências Sociais. As características de que se revestem tornam estas metodologias apropriadas a uma abordagem de processos socioculturais onde as interacções sociais constituem o objecto predominante e em que os sujeitos se assumem como agentes detentores de saberes. Entre as características destas metodologias destacam-se as seguintes:
- a. Maior intervenção do investigador sobre o objecto já que a construção e compreensão do mesmo pressupõem a partilha de experiências e significações entre investigador e sujeitos. Assim, o pesquisador deve “mergulhar” no contexto da acção dos sujeitos [Costa 1986: 138-140 e 147-148] para ter uma “visão a partir de dentro” [Santos 1987: 22; Woods 1987: 18], constituindo o principal instrumento da investigação [Bogdan & Biklen 1994: 47; Chizzotti 1991: 82-84; Bisquerra 1989: 257; Lüdke & André 1986: 11] pois a natureza dos dados recolhidos depende da sua postura, das orientações que tomou e das suas competências metodológicas.

- b. O recurso ao sujeito enquanto actor da situação e detentor de saberes. A construção do saber é feita colectivamente, considerando as concepções dos actores sociais e os significados que atribuem à sua *praxis*. Por isso os pesquisados são considerados fontes de saber e parceiros no processo da construção da realidade. Esta é interpretada na base desses significados.
- c. A interpretação da realidade segundo a perspectiva dos actores [Bogdan & Biklen 1994: 50-51, 224-228] e uma visão holista, assumindo que estes são capazes de “construir” a realidade e de reflectir sobre a sua acção. Eles são capazes de criar uma visão sobre as coisas pejada de significados. A realidade é vista como acção culturalmente contextualizada e não como comportamentos predeterminados.
- d. O recurso ao tratamento descritivo e interpretativo dos dados. Os dados integram acontecimentos, eventos implícitos e verbalizados (percepções, representações, opiniões, discursos, gestos, experiências) e compõem-se de imensas notas, transcrições, relatos, histórias que descrevem e explicam a realidade estudada da qual se pode extrair o sentido e a visão dos actores em contexto.
- e. A compreensão da microcultura [Bogdan & Biklen 1994: 61; Lessard-Hébert 1990: 41] como condição para criar a “visão íntima” [Coulon 1995a: 112] dos factos. A acção humana é explicada em função do contexto cultural onde os actores constroem o significado das suas interacções e a sua visão das coisas. O investigador precisa de estar por dentro pois “não é possível investigar adequadamente uma cultura através de intérpretes” [Goetz & Lecompte 1988: 114].
- f. A construção e compreensão do objecto pressupõem interacção estreita, prolongada e contextualizada entre o investigador e os sujeitos. Isto permite alcançar uma visão mais consensual sobre o social [Guba & Lincoln 1994: 105-117; Erlandson 1993: 14; Colás Bravo & Buendía Eisman 1992: 46], ou seja, uma objectivação da compreensão subjectiva além de garantir que a construção do saber é feita colectivamente.
- g. A análise do material recolhido baseia-se no raciocínio indutivo [Colás Bravo & Buendía Eisman 1992: 252] e na hermenêutica [Bisquerra 1989: 261; Colás Bravo & Buendía Eisman 1992: 48; Lessard-Hébert *et al.* 1990: 75; Coulon 1995a: 28; Lindlof 1995: 8-35] permitindo construir categorias de fenómenos, gerar hipóteses e novas teorias explicativas sobre o social. As técnicas de recolha e tratamento das informações são pouco estruturadas, visando recolher o máximo de informações, facilitando a recolha de dados originais e relevantes, não filtrados por conceitos operacionais.
- h. Maior preocupação com o processo do que com os resultados, pois o interesse consiste em verificar como se manifestam os factos da vida social, como se dá a construção dos significados e como se produzem as interacções sociais. A investigação qualitativa valoriza as práticas de recolha de informação e os modos de construção subjectiva da realidade [Lüdke & André 1986: 12], o que se justifica pela necessidade de validar e credibilizar os resultados.
- i. O *design* da investigação é emergente [Erlandson 1993: 73-77] e em cascata [Colás Bravo & Buendía Eisman 1992: 250-252], ou seja, o plano vai sendo construído à medida que a investigação avança. O processo, baseado na utilização de métodos e técnicas de recolha flexíveis e na articulação entre recolha e reflexão, permite ir gerando o referencial teórico enquanto progride a investigação. Este modo de abordagem é congruente com a concepção múltipla da realidade, que é revelada mediante os significados dos actores sociais. O desenvolvimento da pesquisa assemelha-se a um funil, onde existem, no início, focalizações amplas que se vão tornando cada vez mais estreitas e nítidas.

1.3. Premissas teórico-metodológicas

- 12 Os traços que definem as metodologias qualitativas de investigação como um modo de abordagem aproximativa do real ganham fundamento sob consideração das seguintes premissas:
 - a. Adopção do “método clínico” [descrição do homem num dado momento, numa dada cultura] e do “método histórico-antropológico” [Chizzotti 1991: 79] que permitem captar os aspectos específicos no contexto em que ocorrem. Este modo de abordagem do real define o carácter “naturalista” [Bisqueria 1989: 265-266; Chizzotti 1991: 79; Bogdan & Biklen 1994: 47-48 e 113] da investigação qualitativa pela necessidade de não descontextualizar a acção nem as representações acerca desta;
 - b. Assunção da relação entre os sujeitos e o seu mundo real, entre o mundo subjectivo e o objectivo, entre os significados construídos pelos sujeitos e a sua *praxis* e a relação entre a visão do investigador e a perspectiva dos actores. A investigação assume um carácter dialéctico que garante a congruência entre os dados e os factos e entre estes e os construtos teóricos elaborados;
 - c. Consideração de que o objecto da investigação [a acção humana] não é um dado inerte e neutro [Coulon 1995a: 28, 37; Bogdan & Biklen 1994: 56; Chizzotti 1991: 79] mas, pelo contrário, portador de significações atribuídas pelos actores sociais. Neste sentido, a investigação assume o carácter contextual e subjectivo da construção da realidade tendo em conta que esta é dada pelo modo como é socialmente captada.
- 13 Nesta base, as três condições que definem uma boa investigação qualitativa [Zabalza 1994: 21] nas Ciências Sociais são: a) ampliação do contexto de análise (variáveis, pessoas, factores, eventos) para se chegar a uma compreensão o mais aproximada possível do real, criando-se as condições adequadas para se alcançar maior objectividade [Nunes 1996: 99; Brown & Dowling 1998: 45; Lessard-Hébert *et al.* 1990: 65-66; Santos 1995: 88-89; Bogdan & Biklen 1994: 67-68; Erlandson 1993: 15]; b) descrição do processo de obtenção e análise da informação com explicitação das opções teóricas e metodológicas com vista à valorização das diversas formas, passos e métodos de investigação e à garantia de replicações do estudo, assegurando a sua validade, e c) configuração da investigação como um processo de busca deliberativo e interactivo, ou seja, como um esquema coerente de construtos, categorias, conjecturas e dados intencional e racionalmente convocados, articulados e analisados, como recomendam os critérios de fiabilidade e consistência.
- 14 A investigação qualitativa é encarada como uma incursão ao mundo da subjectividade, porquanto reconhece e valoriza as significações sociais elaboradas pelos actores, através dos quais são captadas as experiências, idealizações e representações da realidade. Demarcando-se da concepção positivista de ciência, a investigação qualitativa valoriza a função do contexto social na compreensão da realidade bem como o papel dos sujeitos na produção de sentido.
- 15 Trata-se de uma perspectiva inovadora no que respeita à construção do saber, embora se reconheçam as dificuldades na aceitação da legitimidade deste tipo de investigação e da credibilidade do saber produzido. Os pressupostos paradigmáticos que se seguem são argumentos para justificar e esclarecer a natureza e a validade da investigação qualitativa e das metodologias a que recorre, demonstrando que o positivismo não constitui o padrão de referência para a investigação nas Ciências Sociais.

2. Pressupostos paradigmáticos fundadores

- 16 Os paradigmas referem-se a estruturas conceptuais investigativas ou modos de compreensão e configuração das práticas investigativas que exprimem uma concepção de investigação [Kuhn 1970: viii; Guba & Lincoln 1994: 107; Borrell 1989: 447]. Enquanto tal, definem um determinado “modelo” de investigação coerente compatibilizando as estratégias, os modos de inferência e os pressupostos filosóficos para legitimar a produção de conhecimentos.
- 17 Serão apresentados pressupostos paradigmáticos em que se fundamentam as metodologias qualitativas de investigação, nomeadamente: o interpretacionismo; a etnometodologia; a fenomenologia; o interaccionismo simbólico; a etnografia crítica; as perspectivas culturais e a *accountability*. Eles apresentam alguns traços comuns como o reconhecimento da subjectividade, a valorização do significado e a contextualização cultural, o que os aproxima e os define teoricamente.

2.1. Interpretacionismo

- 18 No âmbito deste paradigma o objecto geral da investigação é o “mundo humano” enquanto criador de sentido. Deste modo, a investigação interpretativa tem como objectivo a compreensão do significado atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos que lhes dizem respeito e aos “comportamentos” que manifestam, que são definidos em termos de “acções” [Lessard-Hébert 1990: 175]. Nesta óptica, o objecto de análise é a acção social, que abrange o comportamento e os significados que os actores lhe atribuem. O investigador procura identificar esses significados para produzir esquemas específicos da identidade social de um grupo, ou seja, estabelecer construções teóricas sobre “modos típicos” de comportamento para esclarecer princípios subjectivos de acção que tornem o mundo social significativo [Giddens 1996: 45, 51 e 68]. A interpretação feita pelos actores sociais sobre os factos do seu quotidiano decorre da consideração de alguns parâmetros contidos no que se designa “zonas de significação” ou quadros de significado [Giddens 1996: 96, 121-125, 162 e 166; Berger & Luckman 1976: 61]. De acordo com este processo, os actores sociais criam conceitos para construir um mundo social significativo, isto é, um conjunto de noções perceptíveis em termos de senso-comum.
- 19 Este paradigma considera que: a) a uniformidade do real é aparente e pertence apenas ao espírito que a constrói, ao interpretar esse real; b) os comportamentos são passíveis de interpretação, a qual confere significados, criados e modificáveis pelo espírito; c) a criação de significados, pelos actores sociais, remete para a consideração da relação entre as perspectivas destes e as condições ecológicas da acção em que estão implicados; d) os actores constituem a origem das concepções válidas sobre o social, considerando os significados que produzem em contextos sociais específicos; e] o meio social, marcado por padrões culturais, é o local de produção de sentido e de valorização das “coisas” e de construção da “visão do mundo”.
- 20 A valorização da subjectividade [Poirier *et al.* 1995: 24] como fonte de dados conduz a que a procura da objectividade não se faça por redução dos factos, mas por reconhecimento dessa subjectividade e pela objectivação dos efeitos dessa mesma subjectividade. Quer dizer que o conhecimento se constrói por confronto entre os investigadores e entre os “apriorismos” destes e os “significados” dos actores sociais. A validade da pesquisa

[métodos, dados, resultados] depende do código [Poirier *et al.* 1995: 24] utilizado no tratamento e interpretação dos dados, ou seja, da consideração das condições contextuais da produção dos discursos e da natureza da interacção pessoal com os actores sociais.

- 21 Deste modo, a acção social é percebida como interacções peçadas de significados, com as quais os actores interpretam constantemente o mundo circundante [Coulon 1995a: 28; Justo Arnal & Latorre 1992: 86-87]. A interacção social é concebida como um processo dinâmico de significação do real à luz de códigos de interpretação contextualizáveis. Por isso, as definições da situação são permanentemente actualizadas uma vez que as significações atribuídas às acções são também passíveis de reformulação.
- 22 Nas Ciências Sociais, a abordagem interpretativa apela à explicitação, pelos actores observados, das razões das suas práticas uma vez que não basta observar à distância o modo como eles se comportam. Isso exige o conhecimento do quadro de símbolos culturais que os grupos adoptam para dar sentido à interacção entre os seus membros e dentro do qual encontram a explicação para a acção desenvolvida. A observação participante adquire importância pois, através dela, o investigador penetra naturalmente no mundo subjectivo dos actores para perceber o processo de elaboração dos significados sociais.
- 23 Deste modo, o investigador qualitativo, interessado em revelar as múltiplas e complexas facetas dos fenómenos que observa, considerando a sua irrepitibilidade e contextualidade, estará mais habilitado para desenvolver uma compreensão abrangente do real, de acordo com uma perspectiva mais holística [Justo Arnal & Latorre 1992: 87 e 200], gerando teorias explicativas sobre o funcionamento dos processos sociais.

2.2. Etnometodologia

- 24 A etnometodologia inscreve-se na tradição do interaccionismo simbólico “ao tentar ver o mundo através dos olhos dos actores sociais e dos significados que eles atribuem aos objectos e às acções sociais que desenvolvem” [Haguet 1995: 52]. Derivando de *ethno (folk)* e *methods*, a etnometodologia significa “métodos de organização do mundo” ou capacidades com as quais as pessoas desenvolvem uma compreensão dos outros e das situações sociais [Silverman 1994: 60]. A etnometodologia é a pesquisa sobre o modo de reflexão dos actores sociais sobre as suas práticas.
- 25 A etnometodologia pode ser definida como “a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas acções quotidianas” [Coulon 1995b: 30]. Ela visa, por um lado, apreender a dimensão exterior da actividade humana - as interacções - e, por outro, a percepção que os actores têm disso - as representações do real [Becker 1994: 139-146; Albarello *et al.* 1997: 89-90]. Logo, a realidade é “descoberta” e revelada nesta dupla perspectiva.
- 26 A etnometodologia permite compreender o modo como as pessoas percebem, explicam e descrevem a ordem no mundo em que habitam [Becker 1994: 139-146; Albarello *et al.* 1997: 89-90], ou seja, como usam os aspectos mais salientes desse quotidiano para o fazer funcionar e para o explicar. É deste modo que elas estabelecem para si o que é a realidade, reconstituindo-a permanentemente. Os actores sociais manobram para ordenar a sua experiência de modo a sustentar a sua posição de que o mundo é como lhes parece ser.
- 27 Esta corrente preocupa-se em elucidar a maneira como os relatos dos actores sociais são produzidos em interacção [Coulon 1995b: 46], não como simples descrições, mas como

reconstruções do real, ou seja, imagens simbolicamente criadas com fins específicos. De acordo com ela, a realidade social é permanentemente recriada pelos actores sociais através de processos de actualização das regras sociais baseados em sistemas de códigos. A acção é entendida, então, não apenas como “relação com” mas também como um processo de trocas simbólicas contextualizadas [Habermas 1997: 24-25; Deshares 1997: 159-160].

- 28 Na etnometodologia o importante é observar as actividades práticas das pessoas mediante as quais seja possível revelar os métodos pelos quais essas pessoas agem. Essa observação da interacção social permite “evidenciar os modos de proceder pelos quais os actores interpretam constantemente a realidade social e inventam a vida numa permanente bricolagem” [Coulon 1995b: 32]. A etnometodologia exige uma postura de questionamento dos discursos e das práticas dos actores sociais para revelar o seu carácter socialmente construído e os seus pressupostos de códigos negociados pois, quando estes relatam ou descrevem as suas acções fazem-no aplicando uma racionalidade *a posteriori* para lhes conferir significado [Coulon 1995a:76; Lessard-Hébert *et al.* 1990: 58]. Estes actores são concebidos como pessoas dotadas de métodos que as capacitam para inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que as rodeia [Coulon 1995a: 159] e capazes de gerar teorias.
- 29 A etnometodologia ajuda a revelar os operadores com os quais os actores sociais descrevem e interpretam o seu mundo real enquanto membros de um grupo social culturalmente definido. Por isso, enquanto que para esses actores as práticas são “naturais”, para o investigador torna-se necessário perceber os mecanismos da “naturalização” das acções, ou seja, da integração destas no sistema social de significações. Deste modo, a etnometodologia converte-se num instrumento heurístico e hermenêutico [Zabalza 1994: 22-26; Giddens 1996: 77, 96, 166 e 173; Lessard-Hébert *et al.* 1990: 57-58; Habermas 1997: 138-139] para questionar as práticas e os discursos dos actores, confrontando-os. Ela ajuda o investigador a estabelecer dialecticamente a ponte entre o fazer e o dizer, entre a acção e o discurso, considerando que ambos nem sempre são congruentes. Nesta perspectiva, os actores são considerados como produtores de teorias implícitas que são mobilizadas para dar sentido e mesmo construir a realidade.

2.3. Fenomenologia

- 30 É uma corrente epistemológica que considera que é preciso ir além das descrições sobre as manifestações imediatas e aparentes dos factos para captar o seu sentido oculto, para superar as aparências e alcançar a essência dos fenómenos. Desta forma, é preciso romper com o senso comum [Silva 1986: 29-32 e 50-53] que é criado pela familiaridade com o quotidiano [Chizzotti 1991: 81-85] e isso consegue-se através de um questionamento sobre o modo como os actores sociais interpretam os mais variados aspectos da sua vida quotidiana.
- 31 A fenomenologia advoga o estudo da experiência directa e concebe o comportamento como algo determinado por fenómenos da experiência em vez de o ser pela realidade externa, objectiva e fisicamente descrita. Valoriza, portanto, a consciência subjectiva como uma reflexão retrospectiva que interpreta e cria a realidade, segundo um processo de tipificação [Giddens 1996: 44-45; Berger & Luckman 1976: 49-52; Cohen & Manion 1990: 59-61; Lindlof 1995: 33] através do qual o sujeito faz uso de conceitos ou esquemas interpretativos aprendidos que recordam os “tipos ideais” para dar sentido ao que fazem.

- 32 Os investigadores fenomenológicos tentam compreender o significado que os factos têm para os actores sociais em contextos particulares. Trata-se de uma compreensão interpretativa das interacções humanas, partindo da ênfase da componente subjectiva do comportamento. Na acção social diária os actores sociais recorrem a esquemas de relação para tentar interagir com os outros, embora tais esquemas não sejam conscientemente formulados.
- 33 A fenomenologia tenta penetrar no mundo conceptual dos actores sociais para compreender o significado que atribuem aos acontecimentos do seu dia-a-dia. Esta corrente defende que a realidade não é mais do que o significado das nossas experiências [Bogdan & Biklen 1994: 55], ou seja, que ela não existe para além da nossa experiência. Os seus aspectos fundamentais prendem-se com a compreensão do real partindo dos pontos de vista dos actores e o reconhecimento da subjectividade como dimensão que se cruza com o mundo exterior [Bogdan & Biklen 1994: 53-54; Lessard-Hébert *et al.* 1990: 58].
- 34 A perspectiva fenomenológica parte do princípio de que só se pode entender o comportamento humano se se apreender o quadro referencial dentro do qual os actores sociais interpretam as suas acções e sentimentos. Por isso, o investigador deve procurar compreender o significado do comportamento dos indivíduos, ao mesmo tempo que procura manter a sua visão objectiva [de fora] do fenómeno em estudo [Lüdke & André 1986: 15]. As entrevistas em profundidade constituem um modo adequado de captar esses significados bem como o processo da sua criação uma vez que a simples observação não é capaz de os detectar [Cook & Reichardt 1995: 15].
- 35 “A fenomenologia procura apreender a lógica dos fenómenos subjectivos, isto é, dos conteúdos da consciência” [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 58; Habermas 1997: 134-135]. Nesta abordagem são privilegiados os dados experienciais que fornecem informações mais completas relativamente aos significados construídos pelos indivíduos, processo que decorre sob efeito das referências e padrões culturais inerentes ao contexto específico da produção dos significados.
- 36 A investigação fenomenológica reclama a consideração das representações dos sujeitos acerca da sua vida quotidiana mas assume que isso apenas permite a construção da realidade a partir de idealizações do fenómeno. Assim sendo, o essencial do fenómeno escapa, a não ser que o investigador consiga “capturá-lo” directamente, mediante contacto directo com ele e confronto da visão idealizada dos actores sociais com as evidências empíricas, para que a imagem do real não seja nem abstracta nem simples senso comum.
- 37 A investigação qualitativa em Ciências Sociais assente nesta perspectiva ajuda a entender como a realidade é percebida diferentemente por vários actores. A prática investigativa qualitativa deve possibilitar que os actores sociais explicitem os seus “códigos de leitura” do real para se perceber como constroem o “quadro explicativo” da realidade. A tarefa do investigador qualitativo consiste em identificar as evidências que permitam provar ou refutar tais idealizações para elaborar uma leitura mais plausível do real. Isto implica a explicitação dos quadros de significação dos actores sociais e dos critérios de análise dos dados para que se possa aceitar a realidade como autêntica.

2.4. Interaccionismo simbólico

- 38 Esta corrente parte do pressuposto de que a interacção social é mediada pelo significado que os actores atribuem aos objectos, às pessoas e às situações. Assim, reconhece-se que eles forjam as interacções em função dos comportamentos esperados dos outros e das representações que criam acerca dos aspectos do contexto social [Chizzotti 1991: 80; Foddy 1996: 20-25; Coulon 1995a: 57-82; Cohen & Manion 1990: 63-65] em que estão inseridos.
- 39 O interaccionismo simbólico baseia-se em princípios metodológicos que reconhecem a existência de um mundo empírico disponível para observação e análise e do social em termos de acção [Bisquerra 1989: 269; Silverman 1994: 47-51] mediante a qual os grupos constroem o sentido das coisas. A interacção verifica-se em função dos significados atribuídos pelos actores sociais, o que lhes permite comunicar uns com os outros na base de um código simbólico.
- 40 Como os actores sociais conferem significados aos seus actos e às interacções, é necessário conhecer e decodificar esses significados para interpretar a realidade. A investigação visa revelar a realidade a partir desses significados, ou seja, “a concepção dos actores a respeito do mundo social” [Coulon 1995a: 59-61]. Significa levar em conta o ponto de vista dos actores sociais [Coulon: 1995a :74; Coulon 1995b: 15], isto é, compreender o processo subjacente à construção dos significados [Almeida & Pinto 1986: 75-76]. Estes agem como “animais simbólicos” [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 56 e 75; Bogdan & Biklen 1994: 55] que interpretam e definem as situações de interacção. A construção dos significados é condicionada culturalmente e colectivamente negociada, sendo partilhados pelos actores, que os usam para regular a sua acção, pois a forma como os sujeitos definem o contexto determina a natureza do seu comportamento ou o modo de interacção com o mundo real [Haguette 1995: 35].
- 41 Este “modo de ver” a realidade conduz a que os próprios actores construam de si uma imagem congruente com o que supõem ser a imagem esperada, ou seja, as pessoas vêem-se como pensam que os outros as vêem ou como esperam ser vistas. Esta definição de si tem o nome de *self*, uma espécie de “ego social” construído através do processo da interacção social [Bogdan & Biklen 1994: 57].
- 42 O interaccionismo simbólico permite rejeitar o determinismo social na medida em que considera que os actores sociais não reagem mecanicamente às acções dos outros, mas interpretam-nas em função de significados [Bisquerra 1989: 269; Lindlof 1995: 45] construídos num contexto culturalmente contaminado. Por isso, os actores sociais são “leitores” atentos do que se passa em seu redor.
- 43 De acordo com o interaccionismo, a validade dos estudos sobre grupos ou culturas passa por uma “interacção pessoal a longo termo” entre o investigador e os sujeitos a observar [Lessard-Hébert 1990: 76]. Esta proximidade permite captar o “sentido oculto” das coisas, isto é, o significado social das interacções e os aspectos do contexto. Pressupõe um “olhar por dentro” que produz a visão íntima das coisas. Esta perspectiva mostra como a dimensão simbólica é importante na construção da vida social.
- 44 A investigação qualitativa em Ciências Sociais reconhece a necessidade de basear a interpretação da realidade nos significados sociais construídos em contexto, pelo que o diálogo com os actores é importante para “capturar” esses significados inacessíveis a um

observador externo. Daqui se infere que a explicação da realidade não se faz apenas mediante o “olhar” do investigador mas também pelo modo como ele recolhe e analisa as evidências e as cruza com os pontos de vista dos sujeitos.

- 45 O contacto duradouro e intenso do investigador com os sujeitos em contexto ajuda a captar o quadro de significações que funciona como código de referência”, nem sempre explicitado, usado pelos actores para justificar o seu comportamento. A compreensão do real fica, então, dependente dessa explicitação. Assim, o investigador tem de se introduzir no código de comunicação intrínseco do grupo para interpretar o significado dos discursos e das acções. Esta inserção torna-o apto a “ler a realidade” e a revelá-la aos outros. Trata-se de uma meta-leitura, pois o investigador não mostra apenas como a realidade é mas diz como os sujeitos a entendem.
- 46 Ao investigar interacções sociais numa perspectiva interaccionista, o investigador obriga-se a explicitar os aspectos e a natureza da pesquisa [objectivos, exigências, técnicas] para que a definição da situação por parte dos sujeitos observados obedeça a um mesmo quadro de representações e estes possam dar as suas respostas de modo congruente. Só assim se torna possível comparar as respostas aos mesmos estímulos admitindo que foram produzidas no âmbito de um mesmo quadro de significação, validando, portanto, a produção dos dados.

2.5. Etnografia crítica

- 47 É uma corrente que se baseia na descrição dos contextos socioculturais [Coulon 1995a: 111-112; Bisquerra 1989: 266] segundo uma perspectiva dos próprios actores sociais visando uma compreensão do real. A etnografia define-se como uma descrição monográfica aprofundada dos hábitos de vida dos povos *ethnoi* – os outros – [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 53; Bisquerra 1989: 254 e 266], ou seja, é a descrição pormenorizada de um sistema de significados culturais de um grupo visando “dar conta do funcionamento de um complexo sistema social” [Cook & Reichardt 1995: 181].
- 48 Enquanto descrição, a etnografia interessa-se pelos aspectos quotidianos da vida social para revelar crenças, valores e motivações dos actores sociais. Isto supõe uma “aprendizagem” dos costumes e da linguagem dos grupos e a partilha dos códigos de interpretação do real [Bisquerra 1989: 146] e exige uma imersão [Giddens 1996: 184; Silverman 1994: 21; Brown & Dowling 1998: 43] do investigador no contexto social no seu estado natural, gerando-se uma intimidade e uma interacção que permite ao investigador colocar-se na perspectiva dos observados.
- 49 Defende a necessidade de submeter à comparação e ao julgamento dos actores em contexto as assunções e ideias apriorísticas do investigador [Coulon 1995a: 109; Bogdan & Biklen 1994: 67], pois a realidade não pode ser explicada apenas em função destas ideias. Por outro lado, propõe a necessidade de “contrastar” o que as pessoas fazem com o que dizem e com o que acreditam, considerando as complexas relações entre ideias e comportamentos. Esta é a dimensão do criticismo [Silverman 1994: 51] necessário para alcançar uma leitura do real mais próxima da visão dos sujeitos e para controlar a subjectividade.
- 50 A visão crítica do quotidiano social que a etnografia reivindica radica na consideração de que a construção da realidade está social e culturalmente condicionada, sendo necessário considerar os interesses e valores em jogo, os quais afectam o “modo de olhar” a realidade

dos actores. Tal facto alerta o investigador para a necessidade da crítica às interpretações dadas e para uma abordagem contrastativa do real.

- 51 A etnografia parte dos seguintes pressupostos: a) a natureza do mundo social deve ser “descoberta” porque está oculta pelo senso comum e pela familiaridade dos actores sociais com o seu quotidiano; b) esta natureza pode ser “apreendida” pela observação e participação do investigador nos contextos, segundo uma orientação de exploração do real [perspectiva ecológica do comportamento social]; c) é possível “capturar” a cultura específica dos grupos de actores, ou seja, a sua identidade cultural [Lüdke & André 1986: 14]; d) o relatório deve “fixar” o processo social observado e os significados sociais atribuídos; e) a produção de descrições analíticas da realidade social revela também as características da vida social regida por “códigos de interpretação” usados pelos sujeitos.
- 52 Segundo esta corrente, o investigador deve aproximar-se mais do objecto para tentar “estar por dentro” a fim de captar o “sentido” das práticas sociais. Isso implica, necessariamente, uma participação longa e global na vida do grupo social em estudo, uma presença prolongada no contexto social em observação e o contacto directo com as pessoas, as situações e os acontecimentos [Costa 1986: 137-138; Bisquerra 1989: 258; Becker 1994: 47-50] para alcançar uma compreensão das múltiplas dimensões da vida social. Ele tem de se colocar numa dupla posição para poder conciliar a objectividade necessária [de quem vê à distância ou de fora] com a subjectividade do participante que vê a partir de dentro.
- 53 A etnografia visa captar e revelar a complexidade e a singularidade da vida social pelo que se designa de investigação idiográfica [Cook & Reichardt 1995: 183; Colás Bravo & Buendía Eisman 1992: 50 e 251; Justo Arnal & Latorre 1992: 45; Grawitz 1990: 388]. Os relatos detalhados, os discursos e as imagens que constituem as descrições ajudam a compreender o social, de que as categorizações, as hipóteses, os conceitos e as teorias geradas são expressão.
- 54 Se os dados são importantes para explicar a realidade, o modo como eles são gerados é decisivo para produzir uma visão ampla, profunda e próxima da realidade. Por isso, a naturalidade, a familiaridade e a cumplicidade do investigador com os sujeitos são aspectos que lhe permitem adquirir uma compreensão do real, salvaguardando ao mesmo tempo os critérios de consistência, fiabilidade [Becker 1994: 128-129; Bell 1997: 87-88] e validade [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 68-79; Bisquerra 1989: 91-92; Deshares 1997: 371-372; Silverman 1994: 149-156; Goetz & LeCompte 1988: 224-228]. A familiaridade com o contexto obriga o investigador a reexaminar permanentemente os seus quadros conceptuais para poder dar sentido ao que observa [Brown & Dowling 1998: 44] preservando o olhar da contaminação inerente à naturalização dos factos.
- 55 A investigação etnográfica em Ciências Sociais reclama uma intensa participação do investigador no contexto a observar e uma interacção muito próxima com os actores para, desse modo, não só abarcar a multiplicidade e a complexidade das práticas e processos educacionais mas também para recolher o número significativo de evidências que possam ilustrar as explicações e/ou interpretações produzidas. Os estudos são ilustrados com relatos sobre vivências que corroboram as interpretações dos actores, pelo que a realidade apresentada surge retratada na óptica dos sujeitos, embora filtrada pelos construtos teóricos do investigador.

2.6. Perspectivas culturais

- 56 Estas perspectivas partem do pressuposto de que a compreensão do social deve fazer-se sob consideração do contexto sociocultural da acção. Aceita-se a ideia de que os estudos culturais revelam as especificidades culturais dos grupos ou comunidades, na base das quais é possível perceber o significado das acções e das interações humanas. Aproximam-se da etnografia, uma vez que esta descreve os comportamentos sociais em diferentes contextos culturais sabendo que é a cultura que torna inteligíveis os fenómenos sociais. As metodologias qualitativas defendem, portanto, a existência de uma relação entre os significados que os actores sociais atribuem aos acontecimentos sociais e a cultura do grupo em que estão inseridos [Bogdan & Biklen 1994: 58] sem a qual não é possível captar nem interpretar tais significados.
- 57 A noção de cultura é tomada aqui como um conjunto de compreensões colectivas e partilhadas a respeito da acção social [Coulon 1995a: 73] que, por esse facto, permite a produção de significados e a definição das situações de interacção. Daqui decorre que a compreensão dos fenómenos só pode ser alcançada através de uma conduta participante do investigador [Chizzotti 1991: 81-82], com a qual ele pode penetrar no quotidiano dos actores e captar a cultura, as experiências e percepções produzidas em contextos “culturalmente contaminados”.
- 58 Os estudos culturais permitem compreender os fenómenos sociais “a partir de dentro” [Bisquerra 1989: 146], ou seja, na base dos códigos usados pelos actores sociais, conferindo significado às suas interações. Este modo de olhar o real permite ao investigador descobrir os códigos com os quais pode compreender o contexto social da produção das interações e dos significados a elas atribuído.
- 59 A compreensão é um processo que passa pela partilha dos códigos [Bogdan & Biklen 1994: 59] utilizados na produção de significados sociais, possibilitando ao investigador perceber os esquemas específicos da criação da identidade social dos grupos. As perspectivas culturais destacam a especificidade cultural dos grupos na qual a produção dos significados sociais faz sentido. Os grupos são analisados numa perspectiva ecológica da acção social e a sua “cultura” constitui o pano de fundo que permite perceber o modo de atribuição de significados aos aspectos do quotidiano. A leitura da realidade faz-se sob consideração desse contexto, captado essencialmente através do ponto de vista dos actores. Assim, a descrição do real só será válida se considerar os códigos culturais com os quais os actores sociais constroem e explicam o seu mundo ou a sua vida quotidiana. A este princípio se designa “recontextualização” [Brown & Dowling 1998: 45].
- 60 Na investigação qualitativa em Ciências Sociais este princípio é válido porque o investigador observa pessoas oriundas de contextos com referentes culturais diferentes e que acabam por desenvolver práticas e comportamentos distintos. Esses comportamentos são expressão das suas percepções que têm como referência os traços culturais do ambiente social a que pertencem.
- 61 Por isso, o investigador social não pode limitar-se a registar o que vê e apresentar isso como um conjunto de factos uma vez que estes são, afinal, significados culturais com os quais os participantes produzem e mantêm o seu mundo simbólico. Tratando-se de significados, é imprescindível a sua [re]contextualização a partir da qual a realidade se mostra inteligível. A dupla tarefa do investigador consiste em descodificar os significados e compreender o contexto cultural no qual são produzidos.

2.7. Accountability

- 62 Esta corrente metodológica defende que a realidade social é descritível, inteligível, relatável e analisável, ou seja, está disponível através das acções práticas dos actores sociais passíveis de serem relatadas [Coulon 1995a: 177-178; Coulon 1995b: 45]. Assim, o conhecimento da realidade pode ser obtido através da descrição dos actores sociais na qual esses actores “fabricam” o seu mundo através dos sentidos que lhe atribuem. Aqui se denota a perspectiva émica [Goetz & LeCompte 1988: 31; Bogdan & Biklen 1994: 54 e 74; Silverman 1994: 24] presente nas metodologias de natureza qualitativa, com a qual o investigador retrata a realidade social servindo-se dos significados atribuídos pelos próprios actores sociais à sua *praxis* culturalmente contextualizada. Esta perspectiva permite tornar inteligível e justificável a acção dos actores a partir dos seus discursos [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 58; Bisquerra 1989: 268; Lindlof 1995: 38].
- 63 Quando os actores sociais descrevem uma situação fazem-no retrospectivamente e reconstruindo o sentido das coisas. Esse relato não é uma mera descrição dos factos mas uma reflexão produtora de sentido, sendo expressa, portanto, através de construtos. Deste modo, pode-se dizer que a *accountability* é racional porque permite conferir inteligibilidade dentro de uma racionalidade subjacente a essa actividade [Coulon 1995a: 23; Coulon 1995b: 42; Giddens 1996: 55 e 132-134]. Esta corrente aproxima-se da etnometodologia porquanto mostra como os actores sociais reflectem sobre as suas práticas em cujo processo não só descrevem o mundo mas também o “fabricam”, ou seja, lhe dão sentido e coerência [Coulon 1995b: 46].
- 64 Quando os actores relatam factos da sua vida não só os descrevem mas também os justificam, ou seja, dão-lhes um sentido através de teorizações que reflectem mais aquilo que gostariam que fosse do que propriamente aquilo que ocorreu. Estas “teorias radicadas”, mais do que representações, indicam o sentido atribuído à realidade e funcionam como explicações *ad hoc* para os factos da vida social.
- 65 As práticas e as representações dos sujeitos, explicitadas nos e pelos seus relatos, tornam-se matéria investigável a qual permite revelar o mundo social segundo a visão daqueles. A questão coloca-se no modo como recolher essa visão sabendo que ela nos é dada como construtos simbólicos que podem variar de significado de indivíduo para indivíduo em função da sua experiência, posição ou valores de referência.
- 66 Os pontos de vista dos actores são reflexões geradoras de congruência entre os factos e os quadros de referência com que elaboram as representações do real. A realidade é definida não a partir da experiência em si mas da reflexão sobre esta. Por isso, os relatos [*accounts*] sobre o real devem ser analisados tendo em conta o estatuto do actor definido pelo seu *background* cultural e a sua perspectiva porque a realidade é aquilo que representa para as pessoas.
- 67 Assim sendo, o investigador qualitativo deve tentar recolher não esses construtos em si [representações, significados, metáforas], mas aquilo que eles traduzem, ou seja, o que eles representam para os actores sociais, sendo, portanto, mais adequado solicitar a produção de descrições minuciosas com as quais se podem construir as categorias de análise geradoras de construtos conotativamente mais aproximados, logo, comparáveis.
- 68 A investigação qualitativa em Ciências Sociais tem a tarefa de desenvolver estratégias metodológicas adequadas com as quais seja possível captar o relato dos sujeitos de modo a

explicitar os quadros de representação com os quais eles constroem o sentido das coisas. As histórias de vida, os relatos, os testemunhos e as autobiografias são instrumentos apropriados à apreensão do lado subjectivo da acção humana portadora de significações, não descurando uma estratégia contrastativa para garantir a fidedignidade dos relatos e seus significados.

3. Relevância destas metodologias

- 69 As metodologias qualitativas de investigação fornecem possibilidades epistemológicas e praxeológicas para investigar realidades sociais complexas num quadro em que se reconhecem as insuficiências das metodologias positivistas por tenderem a reduzir e a descontextualizar o social. Mas a valorização das metodologias qualitativas faz-se considerando que estas podem ser compatibilizadas com aquelas numa perspectiva de complementaridade conciliadora.
- 70 As metodologias qualitativas resgatam dimensões consideradas indesejáveis na investigação à luz do paradigma positivista. A valorização do sujeito e do seu papel na construção da realidade, a recuperação da subjectividade mediante a recolha dos significados sociais, a consideração do meio contextual da acção e a inclusão da criatividade e da flexibilidade metodológica [Becker 1994: 91; Silverman 1994: 171] na abordagem holística do real conferem um novo figurino à investigação.
- 71 A investigação qualitativa surge como um modo construtivista de fazer ciência sem desvalorizar a dimensão quantitativa dos factos sociais, representando uma opção legítima quando está em causa a compreensão interpretativa da realidade, não apenas pela busca das causas mas pelo reconhecimento das interdependências entre os fenómenos objectivos e subjectivos. Este tipo de investigação permite abordar os fenómenos sociais e gerar teorias formais que confirmem regularidades do funcionamento dos sistemas sociais e da acção.
- 72 A flexibilidade e multiplicidade metodológica, o enquadramento contextual da acção social e a consideração dos significados e das causas dos comportamentos compatibilizam a abordagem causal-explicativa com a compreensão hermenêutica de que resulta uma leitura plausível do real. A realidade é dada não de forma abstracta, estática e asséptica, mas como um quadro representacional no qual os actores se podem rever, ao mesmo tempo que a reconhecem como sendo a mais próxima do real.
- 73 O futuro da investigação social passa cada vez mais pelas metodologias qualitativas, mas não é fácil realizar investigação qualitativa nas Ciências Sociais porquanto são reconhecidas as dificuldades em:
- a. Recolher e analisar os significados pois pertencem à dimensão subjectiva da acção, não estando, portanto, acessíveis ou disponíveis para investigação. A penetração no mundo da experiência privada obedece a um modo de abordagem que tem a ver com a postura do investigador e com as estratégias metodológicas que utiliza;
 - b. Evitar os efeitos intrusivos da presença do investigador ou dos seus pressupostos de partida o que, não havendo cuidado, pode produzir enviesamentos na recolha e no tratamento das informações, comprometendo a validade dos resultados;
 - c. Promover um distanciamento entre os dados e as perspectivas do investigador, entre os mecanismos de produção dos significados sociais e os relatos dos actores e, depois, a construção, em parceria, de uma “visão consensual” [Guba & Lincoln 1994: 105-117] sobre o real.

- d. Eliminar as influências das posições de conveniência [Berger & Luckman 1976: 66-67] e dos interesses dos sujeitos investigados, garantindo a credibilidade dos informantes [Becker 1994: 91] para que os dados não sejam truncados. A escolha dos sujeitos e os modos de recolha dos dados devem ser criteriosos para credibilizar o processo e as conclusões do estudo [Colás Bravo & Buendía Eisman 1992: 275];
 - e. Captar, registar e interpretar de modo holístico e hermenêutico uma realidade complexa e multidimensional como os fenómenos sociais. O carácter fugaz e irrepetível, associado à imprevisibilidade e “invisibilidade” de muitos dos factos a estudar, introduz um grau de dificuldade que só o recurso a diferentes métodos e a variados observadores pode ajudar a superar;
 - f. Desenvolver generalizações [Lüdke & André 1986: 9; Colás Bravo & Buendía Eisman 1992: 50 e 251] ou derivar leis gerais quando está clara a especificidade da situação e a contextualidade da observação. Todavia, isso não invalida as possibilidades de realizar extrapolações [Cook & Reichardt 1995: 185; Erlandson 1993: 31-33] quando se detecta alguma relação entre os traços desse contexto e os do contexto mais vasto ou quando o estudo, comparado com outros, revela similitudes entre os contextos.
- 74 Tais dificuldades não inviabilizam o recurso criativo a estas metodologias que vão sendo capazes de contribuir para a compreensão dos aspectos mais delicados, obscuros e complexos da acção social considerando especialmente a natureza interactiva, intersubjectiva, plurifacetada e feérica dos fenómenos sociais.
- 75 Estas metodologias favorecem a abordagem e desmistificação da dimensão simbólica que impregna as práticas sociais em contextos de diversidade. Elas permitem captar relatos, descrições, discursos e documentos que se reportam aos significados, crenças, opiniões e práticas dos actores o que ajuda a revelar o modo como estes constroem e reconstróem a realidade social e como racionalizam a sua vida quotidiana.
- 76 As metodologias qualitativas têm adquirido legitimidade que resulta da superação da noção restrita de ciência e da maturidade e respeitabilidade crescentes do paradigma construtivista. O aperfeiçoamento metodológico contínuo, o reconhecimento da pluralidade de paradigmas epistemológicos e a valorização da subjectividade na construção social da realidade constituem também factores de credibilização destas metodologias. A utilização crescente e o êxito notório das metodologias qualitativas residem precisamente na sua capacidade de conciliar crítica e dialecticamente as abordagens positivistas com as construtivistas, exigindo do investigador um exercício de ida e retorno entre os pólos epistemológicos.
- 77 As metodologias qualitativas, ao implicar mais o investigador com a realidade que investiga, conferem-lhe uma maior responsabilidade no que se refere à interpretação do real e à divulgação social dessa leitura. O investigador torna-se o “intérprete” do grupo estudado, preocupado em dar uma versão credível de uma realidade ao mesmo tempo que presta contributos à ciência social. Nesta ordem de ideias, ser-se investigador social é participar num processo colectivo de construção da realidade.
- 78 O investigador constitui uma peça-chave no processo de investigação qualitativa. Ele é encarado como um “militante”, pois acaba por ficar comprometido com o saber, com a pesquisa, com os sujeitos e o contexto e com as exigências de credibilidade da investigação. Assim sendo, a sua postura ético-metodológica oscila entre o negociador, que tem de solicitar acesso e permanência no terreno, autorizações para recolha, obter anuências e informações pertinentes, o observador que capta *in situ* e *in loco* a realidade

que analisa e o relator que serve de porta-voz dos actores investigados na divulgação das leituras plausíveis do real.

- 79 Entre as exigências ético-metodológicas [Schmitt & Klimoski 1991: 367; Justo Arnal & Latorre 1992: 48-49; Bogdan & Biklen 1994: 75-78; Becker 1994: 132-133] destaca-se a autenticidade ao retratar a realidade, e que se refere ao modo de interpretar e revelar os dados com a preocupação de que eles expressem fielmente o real. Tal só é possível se se considerarem os cuidados referentes à exaustividade da recolha de informações, à flexibilidade e multiplicidade de métodos e técnicas, à triangulação [Lessard-Hébert *et al.* 1990: 76-77 e 129; Bisquerra 1989: 264-265; Cohen & Manion 1990: 331-351; Goetz & LeCompte 1988: 36; Silverman 1994: 156-160] e ao “ecletismo” na análise e interpretação das fontes, perspectivas, significados e representações dos actores sociais.
- 80 Sendo instrumento da própria investigação, o investigador precisa de considerar seriamente a adequabilidade dos modos de abordagem dos fenómenos e da sua relação com os sujeitos para não só minimizar os efeitos da sua presença como também para penetrar correctamente nos universos simbólicos desses sujeitos, cruzando depois as representações destes com os seus quadros teóricos de referência daí resultando uma leitura fundamentada do real.

Conclusões

- 81 As metodologias qualitativas de investigação tornam-se congruentes com os objectivos das Ciências Sociais no que se refere à descoberta das propriedades da acção social, à descrição e compreensão face ao reconhecimento de factores como a imprevisibilidade, a complexidade e a singularidade da vida social. A complexidade e subjectividade do social podem ser captadas através da observação participante, da entrevista em profundidade ou da história de vida realizados sob a forma de estudos de caso, os quais podem revelar a singularidade dos contextos. A “perspectiva” e o “subjectivismo” surgem como categorias fundamentais e o investigador aparece como intérprete de um processo de leitura crítica do social.
- 82 Estas metodologias “subtraíram-se à verificação ou comprovação das regularidades sociais para se dedicarem à análise dos significados da acção sob consideração do contexto social em que esta se produz” [Chizzotti 1991: 78] admitindo que o conhecimento do social é um processo de construção intersubjectiva. A complexidade da vida social não poderia ser abarcada na sua totalidade se a dimensão subjectiva dos factos sociais e a sua contextualidade fossem ignorados.
- 83 De acordo com estas metodologias, o investigador não é um mero relator passivo e distante, que “lê” a realidade de fora e procura, com neutralidade ou isenção, fazer interpretações. Ele é um participante na vida dos sujeitos que investiga, de modo a apreender e reconstruir o sentido que dão ao seu quotidiano. Essa reconstituição do real, criticamente elaborada, permite obter uma compreensão mais plausível da acção humana porque congruente com a visão dos actores sociais.
- 84 As metodologias qualitativas são úteis na abordagem de contextos desconhecidos, complexos e dinâmicos, permitindo produzir, por aproximações sucessivas, um retrato mais fiel da realidade. O contacto prolongado do investigador com o real, orientado por esquemas de leitura flexíveis e o recurso a métodos e técnicas de recolha adaptados geram informações com as quais é possível construir representações mais próximas da

realidade. O desenvolvimento da pesquisa, de modo flexível e aberto, permite admitir novas conceptualizações aumentando progressivamente a compreensão do real. A contrastação permanente de aspectos e de dados e a reiteração da recolha sob consideração de uma refutabilidade [Silverman 1994: 155] dos dados mediante novas evidências permitem não só reafirmar constatações e derivar teorias, como também redefinir pontos de orientação e de discussão.

- 85 A investigação social com estas características não deixa, todavia, de colocar problemas ao nível da validade e da fiabilidade dos resultados uma vez que muitos dos processos de pesquisa são originais e irrepetíveis. A replicabilidade [Becker 1994: 128-129] dos processos e dos dados é posta em causa quando não são explicitados os critérios metodológicos e as condições da recolha e análise das informações e quando não se consegue reunir um conjunto significativo de factos. As preocupações com a validade e a fiabilidade das investigações qualitativas obrigam a cuidados redobrados do investigador que inclui o pluralismo metodológico [Santos 1995: 83-84; Burgess 1997: 167], a reiteração dos processos de recolha e análise, a saturação [Bogdan & Biklen 1994: 96] e exaustividade dos dados [Coulon 1995a: 109], a contrastação de pontos de vista, a redefinição de quadros conceptuais de análise e a adopção de “códigos de leitura” para que a imagem do real possa ser aceite como leitura plausível no âmbito dos esquemas teóricos e metodológicos adoptados.
- 86 O processo de recolha de informações na base da interacção estreita com os sujeitos, o contacto prolongado com o contexto, a constante articulação entre reflexão e recolha [Brown & Dowling 1998: 43], a contrastação de perspectivas e opiniões são aspectos que contribuem para ultrapassar uma visão simplista da realidade ou a excessiva subjectividade. A grande quantidade de dados registados, o trabalho de equipa e o confronto crítico entre pares, a preocupação com o rigor dos processos e das interpretações, a tomada de consciência dos efeitos da presença do investigador no terreno, a interacção natural e não intrusiva, podem contribuir para reduzir os enviesamentos que são atribuídos a estudos de natureza qualitativa, permitindo alcançar um elevado grau de fiabilidade dos resultados, ou seja, a garantia de que reflectem a realidade com rigor [Bogdan & Biklen 1994: 69-70]. Esta atitude de vigilância e crítica metodológicas reforça a validade deste tipo de investigação permitindo, através da diversidade de métodos e técnicas, da procura da convergência ou discrepância entre os dados, da construção hermenêutica dos factos, garantir a objectividade [Nunes 1996: 99; Brown & Dowling 1998: 45] do saber conquistado.
- 87 A objectividade no âmbito das metodologias qualitativas tem a ver com a medida em que a explicação analítica do investigador se aproxima do sentido atribuído pelos actores sociais, ou seja, com o grau de plausibilidade com que a realidade é apresentada por aquele. Por outro lado, prende-se com o modo como se produz essa aproximação por via da confrontação de perspectivas e da crítica intersubjectiva [Lessard-Hébert *et al.* 1994: 67]. A investigação qualitativa exige uma atitude ética a fim de salvaguardar a intervenção do investigador e a eficácia dos processos metodológicos bem como a participação voluntária dos sujeitos. Esta ética, entendida como uma obrigação duradoira para com as pessoas com as quais se contactou durante a investigação [Bogdan & Biklen 1994:78; Becker 1994: 132-133; Justo Arnal & Latorre 1992: 48-49], contribui também para a legitimar.
- 88 Porém, as metodologias qualitativas não estão isentas de críticas. Por isso se esforçam por desenvolver mecanismos como a crítica intersubjectiva e a triangulação para que os

resultados produzidos sejam merecedores de crédito e os processos utilizados sejam reconhecidos e validados no contexto da produção de um saber sobre um objecto demasiado complexo como é a acção social. Apesar das reticências que se colocam a respeito destas metodologias, elas têm conseguido alcançar uma legitimidade não só pelas provas que têm demonstrado mas pelo modo como isso tem sido conseguido. Essa legitimidade resulta de uma abordagem pluriparadigmática em termos ontológicos, epistemológicos e metodológicos que lhes permite superar mais facilmente os constrangimentos inerentes à concepção positivista da ciência.

- 89 As metodologias qualitativas não devem ser vistas como antagónicas face às abordagens positivistas, apesar de se situarem em pólos epistemológicos opostos. Ambos os tipos de metodologias acabam por se complementar [Cook & Reichardt 1995: 9-14] desde que utilizadas de forma coerentemente combinada, favorecendo uma abordagem mais pluralista e, por isso, mais abrangente do objecto de estudo. Estaremos, inevitavelmente, perante uma abordagem “mista” que vai ganhando tradição no campo da investigação em Ciências Sociais que se vão assumindo cada vez mais como as “ciências das subjectividades”.

BIBLIOGRAFIA

ADELMAN, G.; D. JENKINS & S. KEMMIS

1984: “Rethinking Case Study”, in: J. Bell et al. (ed.), *Conducting Small Scale Investigations in Educational Management*, London: Harper & Row, pp. 93-102

ALBARELLO, L., F. DIGNEFFE, J.-P. HIERNAUX, C. MAROY, D. RUQUOY & P. SAINT-GEORGES

1997: *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva

ALMEIDA, J. F. & PINTO, J. M.

1986: “Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais”, in: A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, pp. 55-78

BASSEY, M.

2000: *Case Study Research in Educational Settings*, Buckingham: Open University Press

BECKER, H. S.

1994: *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo: Editora HUCITEC

BELL, J.

1997: *Como Realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa: Gradiva

BERGER, P. & T. LUCKMAN

1976: *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis: Vozes

BISQUERRA, R.

1989: *Métodos de Investigación Educativa. Guía Práctica*, Barcelona: Ediciones CEAC

BOGDAN, R. & S. BIKLEN

1994: *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto: Porto Editora

BORRELL, F. N.

1989: *Organización Escolar: Teoría sobre las Corrientes Científicas*, Barcelona: Editorial Humanitas

BROWN, A. & P. DOWLING

1998: *Doing Research/Reading Research. A Mode of Interrogation for Education*, London: The Falmer Press

BURGESS, R. G.

1997: *A Pesquisa de Terreno*, Oeiras: Celta

CHIZZOTTI, A.

1991: *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*, São Paulo: Cortez

COHEN, L. & MANION, L.

1990: *Métodos de Investigación Educativa*, Madrid: La Muralla

COLÁS BRAVO, M. P. & L. BUENDÍA EISMAN

1992: *Investigación Educativa*, Sevilha: Alfar

COOK, T. D. & Ch. S. REICHARDT

1995: *Métodos Cualitativos y Cuantitativos en Investigación Evaluativa*, Madrid: Morata

COSTA, A. F.

1986: "A Pesquisa de Terreno em Sociologia", in: A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, pp. 129-148

COULON, A.

1995a: *Etnometodologia e Educação*, Petrópolis: Vozes

1995b: *Etnometodologia*, Petrópolis: Vozes

DENZIN, N. K.

1989: *The Research Act. A Theoretical Introduction to Sociological Methods*, New Jersey: Prentice-Hall

DESHAIRIES, B.

1997: *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*, Lisboa: Piaget

ERLANDSON, D. A.

1993: *Doing Naturalistic Inquiry*, Thousand Oaks: Sage

FODDY, W.

1996: *Como Perguntar. Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Oeiras: Celta

FOX, D. J.

1987: *El Proceso de Investigación en Educación*, Pamplona: Editora Universidade de Navarra

GIDDENS, A.

1996: *Novas Regras do Método Sociológico*, Lisboa: Gradiva

GOETZ, J. P. & M. D. LECOMPTE

1988: *Etnografía y Diseño Cualitativo en Investigación Educativa*, Madrid: Morata

GRAWITZ, M.

1990: *Méthodes des Sciences Sociales*, Paris: Dalloz

GUBA, E. & Y. LINCOLN

1994: “Competing Paradigms in Qualitative Research”, in: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln. *Handbook of Qualitative Research*, Thousand Oaks: SAGE, pp. 105-117

HABERMAS, J.

1997: *Técnica e Ciência como Ideologia*, Lisboa: Edições 70

HAGUETTE, T. M. F.

1995: *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, Petrópolis: Vozes

ITURRA, R.

1986: “Trabalho de Campo e Observação Participante”, in: A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, pp. 149-159

JUSTO ARNAL, D. R. & LATORRE, A.

1992: *Investigación Educativa. Fundamentos y Metodologías*, Barcelona. Editorial Labor

KUHN, T. S.

1977: *La Estructura de las Revoluciones Científicas*, Madrid: Fondo de Cultura Económica

LESSARD-HÉBERT, M. GOYETTE, G. & BOUTIN, G.

1990: *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*, Lisboa: Instituto Piaget

LINDLOF, T. R.

1995: *Qualitative Communication Research Methods*, Califórnia: SAGE

LÜDKE, M. & M. ANDRÉ

1986: *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária

NISBET, J. & WATT, J.

1984: “Case Study”, in: J. Bell et al. (eds.), *Conducting Small-Scale Investigations in Educational Management*, London: Harper & Row, pp. 72-92

NUNES, A. S.

1995: *Questões Preliminares Sobre as Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.

1996: *A Investigação em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento

POIRIER, J.; S. CLAPIER-VALLADON & P. RAYBAUT

1995: *Histórias de Vida. Teoria e Prática*, Oeiras: Celta

SANTOS, B. S.

1987: *Um Discurso sobre as Ciências*, Lisboa: Afrontamento.

1995: *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Porto: Afrontamento

SCHMITT, N. & R. KLIMOSKI

- 1991: *Research Methods in Human Resources Management*, Ohio: South-Western Publishing
- SILVA, A. S.
- 1986: “A Ruptura com o Senso Comum nas Ciências Sociais”, in: A. S. Silva & J. M. Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento, pp. 29-50
- SILVERMAN, D.
- 1994: *Interpreting Qualitative Data*, London: Sage
- STAKE, R. E.
- 2007: *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*, Lisboa: Calouste Gulbenkian
- WOODS, P.
- 1987: *La Escuela por Dentro. La Etnografía en la Investigación Educativa*, Barcelona: Paidós/MEC
- YIN, R.
- 2001: *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*, Porto Alegre: Bookman
- ZABALZA BERAZA, M. A.
- 1994: *Diários de Aula. Contributos para o Estudo dos Dilemas Práticos dos Professores*, Porto: Porto Editor

RESUMOS

Neste texto pretende-se abordar as características das designadas “metodologias qualitativas de investigação”, inscritas no paradigma construtivista que se vai afirmando no domínio das Ciências Sociais e Humanas. Aqui é visível a ruptura com o paradigma positivista que se coloca num dos extremos de uma linha de continuidade que separa estes dois paradigmas de investigação. A abordagem das metodologias qualitativas de investigação destaca o seu carácter descritivo, interpretativo e compreensivo com que se analisa o social, valorizando o significado da acção e o papel dos sujeitos na construção social da realidade. Estas metodologias permitem conhecer as especificidades dos contextos investigados na medida em que valorizam a contextualização e a perspectiva dos actores sociais. Assim, a realidade é revelada mediante os significados atribuídos pelos sujeitos em acção, reconhecendo a subjectividade inerente à produção do conhecimento sociológico cuja validade se reporta ao grau e ao modo como produz uma leitura plausível do real.

This paper aims to address the characteristics of so-called “qualitative research methodologies”, entered in the constructivist paradigm that is stating in the field of Social and Human Sciences. Here is a visible break with the positivist paradigm that stands at one end of a line of continuity that separates these two research paradigms.

The approach of qualitative research methodologies highlights its descriptive, interpretative and understanding nature, with which analyzes the social, valuing the significance of the action and the role of individuals in the social construction of reality. These methodologies allow to know the specifics of the investigated contexts in the measure that value the context and the perspective of social actors. So, the reality is revealed through the meanings attributed by the subjects in action, recognizing the subjectivity inherent to the production of sociological knowledge whose validity refers to the degree and the way which it produces a plausible reading of reality.

ÍNDICE

Keywords: Paradigms, qualitative methodologies, constructivism, positivism, interactionism, phenomenology, ethnography, meaning, subjectivity

Palavras-chave: Paradigmas, metodologias qualitativas, construtivismo, positivismo, interaccionismo, fenomenologia, etnografia, significado, subjectividade

AUTOR

EUGÉNIO ALVES DA SILVA

Pedagogo, licenciado pelo ISCED do Lubango da Universidade Agostinho Neto (Angola) e Doutor em Educação na área de Organização e Administração Escolar pela Universidade do Minho (Portugal). É Professor Auxiliar no Instituto de Educação da Universidade do Minho. Os seus interesses de investigação centram-se nas áreas da administração universitária, gestão escolar democrática, avaliação institucional e sistema educativo angolano. É autor dos livros *O Burocrático e o Político na Administração Universitária. Continuidades e Rupturas na Gestão dos Recursos Humanos Docentes na Universidade Agostinho Neto (Angola)* (Braga, 2004) e *Universidade Agostinho Neto: Quo vadis?* (Luanda, 2012); e co-autor de *Uma Escola à Procura de Rumo. Estudo de Caso* (Lisboa, 2004) e *Perspectivas de Análise Organizacional das Escolas* (Vila Nova de Gaia, 2010).

[e-mail: esilva@iep.uminho.pt]